

O medium silenciado: re-flexões teórico-comunicacionais sobre uma teoria dos media em Walter Benjamin

The silenced medium: theoretical re-flections on a media theory of Walter Benjamin

MAURÍCIO LIESEN*

Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, Núcleo de Estudos Filosóficos da Comunicação. São Paulo-SP, Brasil

RESUMO

Este artigo apresenta uma reflexão teórico-comunicacional sobre a divisão conceitual entre medium e meio proposta por Walter Benjamin em seu ensaio *Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana*, escrito em 1916. Argumenta-se aqui que tal refinamento terminológico fundamenta uma teoria da comunicação contrária à arbitrariedade do signo linguístico. Por meio de uma revisão das versões brasileiras de alguns dos mais influentes textos de Benjamin, busca-se recolocar a questão do medium na obra deste filósofo alemão, muitas vezes silenciada nas traduções nacionais. **Palavras-chave:** Walter Benjamin, medium, teorias dos media, teoria da comunicação, filosofia dos media

ABSTRACT

This paper presents a communicational and theoretical reflection on the conceptual difference between medium (Medium) and means (Mittel) proposed by Walter Benjamin in his essay *On Language as Such and on the Language of Man*, written in 1916. The present text discusses that such terminological refinement grounds a communication theory in opposition to the arbitrariness of the linguistic sign. Through a revision of the Brazilian versions of some Benjamin's texts, this paper intends to restate the question of the medium in the work of the German philosopher: question that is often silenced in the national translations.

Keywords: Walter Benjamin, medium, media theory, communications theory; media philosophy

* Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal da Paraíba. Pós-doutorando do Núcleo de Estudos Filosóficos da Comunicação (FiloCom) da ECA/USP. Entre 2012 e 2014 atuou como pesquisador visitante do curso de graduação e mestrado em Ciências Europeias dos Media (Europäische Medienwissenschaft) da Universidade de Potsdam (Alemanha). E-mail: mauricioliesen@usp.br

1. Cf. o artigo de Muniz Sodré (2012) que considera a Comunicação como um campo em apuros; Cf. a obra recente de Ciro Marcondes Filho e a sua provocativa afirmação de que nunca se pesquisou o que é a comunicação no Brasil (2010a, 2010b); Cf. ainda José Luiz Braga (2010) e seu argumento sobre a necessidade de se lançar perguntas de pesquisa, metodologias específicas da Comunicação para os fenômenos observados.

2. Traduzidos para o português por Sérgio Paulo Rouanet e publicados na coletânea de ensaios *Magia e Técnica, Arte e Política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. Cf.: Benjamin, 1987.

N O DESERTO CANÔNICO das teorias da comunicação no Brasil¹, a obra do escritor alemão Walter Benjamin (1892-1940) surge como um dos poucos oásis, cuja nascente ainda está longe de se esgotar. Incessantemente referenciados, seus textos parecem resistir à força diluidora da discussão apressada e da ânsia pela legitimação acadêmica via citações fora de contexto. Leituras quase obrigatórias nos cursos de graduação em Comunicação Social, ao menos três dos seus ensaios entrariam em qualquer compêndio de uma teoria contemporânea da comunicação: *Pequena história da fotografia* (1931), *O autor como produtor* (1934) e *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* (1936)². São textos que há muito fundamentam o argumento de que o cinema e a fotografia – e por extensão qualquer outro *meio de comunicação*, numa espécie de antecipação a Marshall McLuhan (1964) – alterariam os modos de percepção humana. Logo, a obra de Benjamin se tornou um dos pilares dos estudos orientados para os efeitos dos meios de comunicação. Essas pesquisas não hesitaram em assumir as tecnologias tratadas por Benjamin – a fotografia e o cinema – como *media*.

Entretanto, é de se estranhar que os conceitos de medium e de comunicação na obra de Benjamin raramente são postos em questão pelo chamado campo comunicacional, que o mantém como autor-chave. Em seus principais textos, o próprio Walter Benjamin criticou abertamente esta concepção instrumental que identifica os termos meio, material, mídia, canal, suporte. O estranhamento deste silêncio teórico extingue-se quando se é confrontado com as traduções brasileiras: como será discutido mais adiante, elas não chamam a atenção para essa diferenciação na obra benjaminiana, mesmo porque o *medium* não é uma questão para os campos teóricos que produziram essas traduções – sobretudo as Ciências Sociais, a Filosofia e a Crítica Literária. Este é um problema que deve ser assumido pelos teóricos da Comunicação. Portanto, o gesto deste texto é ensaiar algumas perguntas teórico-comunicacionais à obra benjaminiana para resgatar a sua depuração conceitual de termos essenciais para o campo, como *comunicação* e *medium*, que foram ignorados pela tradição acadêmica histórico-sociológica com seu foco nos conceitos de experiência e percepção. Consequentemente, o objetivo deste artigo é apresentar o conceito de medium na obra de Walter Benjamin e tecer, a partir dos recentes debates das teorias dos media na Alemanha, um argumento sobre o gesto inaugural dado pelo filósofo, que fundamenta uma teoria da comunicação contrária à arbitrariedade do signo linguístico e constituída a partir da sua separação conceitual entre medium e meio.

MEDIUM ≠ MEIO

Tal diferenciação aparece pela primeira vez e de forma bastante clara no ensaio *Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana*³, escrito em 1916 – bem anterior aos textos mais conhecidos do autor – e que pode ser lido como um tratado sobre a magia da linguagem. Bastante hermético, com várias referências ao Velho Testamento e enevoado pelo tom místico revelador, o próprio Benjamin escreveu este texto com a intenção de compor um conjunto de referencial teórico, confiando-o inicialmente só a poucos amigos. Entretanto, como apontou um dos mais importantes estudiosos sobre a teoria da linguagem de Walter Benjamin, o filósofo Winfried Menninghaus, em seu livro *A Teoria da Magia da Linguagem de Walter Benjamin*⁴, este ensaio é um, senão o, fulcro de toda obra benjaminiana (Menninghaus, 1995: 49)⁵, pois apresenta todos os teoremas e terminologias essenciais da sua teoria da linguagem que, por sua vez, fundamentam uma teoria não instrumental e não semiológica da comunicação⁶.

Numa só lufada, a ousadia teórica de Benjamin:

O que a linguagem comunica? Ela comunica seu ser espiritual correspondente. É fundamental saber que este ser espiritual se comunica *na* linguagem e não *através* da linguagem. Também não há um falante da linguagem, se se quer dizer com isso que ele se comunica através da linguagem (Benjamin, 2010: 31-32).

Mais adiante, ele arremata:

Cada linguagem se comunica *em si* própria, ela é, em sentido mais puro, o “medium” da comunicação. O medial é a *imediaticidade* de toda comunicação espiritual, este é o problema fundamental da teoria linguística, e se quisermos chamar esta imediaticidade de mágica, então o problema original da linguagem é a sua magia (Ibid.: 32).

O desafio agora será desdobrar esse origami conceitual, de tal forma que ele possa ser redobrado sem se rasgar. Logo no início do seu ensaio, Benjamin assume que a linguagem⁷ está em todas as coisas – e não apenas no humano – e que ela é um princípio voltado à comunicação. Princípio este que também foi denominado de comunicabilidade (Mittelbarkeit) (Krämer, 2008: 43). Por sua vez, cada linguagem, como um medium, possui seu ser espiritual que não é comunicado através da linguagem, mas dentro dela e, por isso, não toma parte da expressão. Contudo, todas essas afirmações ainda permanecem obscuras. Se a linguagem é definida em relação a noções como ser espiritual, medium, comunicabilidade, imediaticidade, magia e expressão, estes termos devem ser, portanto, esclarecidos.

3. No original, *Über Sprache überhaupt und über die Sprache des Menschen*. Cf. Benjamin, 2010.

4. Em alemão, *Walter Benjamins Theorie der Sprachmagie*, publicado originalmente em 1980.

5. Todas as citações de obras originalmente escritas em língua alemã, quando fontes em português não forem referenciadas, são traduções livres do autor deste artigo.

6. O presente artigo se concentra no conceito de medium presente no ensaio *Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana* para ressaltar a sua importância aos recentes debates teóricos da comunicação. Para uma profunda análise da constituição da filosofia da linguagem de Walter Benjamin – não apenas a partir dos seus antecedentes em Johan Georg Hamann e na obra de Wilhelm von Humboldt, como também sob o ponto de vista dos seus desdobramentos para a Filosofia da Linguagem – conferir a obra *Walter Benjamins Theorie der Sprachmagie*, de Winfried Menninghaus (1995) e o livro *Es spricht der Mensch: Walter Benjamins Suche nach der Lingua adamica*, de Anja Hallacker (2004).

7. Na língua alemã, o substantivo *Sprache* denota tanto língua como linguagem. Este tipo de *indistinção* está presente no ensaio de Walter Benjamin que elenca, por exemplo, tanto a linguagem da técnica, da arte, da justiça, quanto a própria língua alemã como tipos de linguagem que possuem seu próprio ser espiritual.

Como o filósofo escreveu, o ser espiritual é este *se* do *comunicar-se*. “Ou seja, o que se comunica na linguagem não é a própria linguagem, mas algo que se diferencia dela” (Benjamin, 2010: 31). Isso quer dizer que o ser espiritual da linguagem não toma parte no comunicado. Ele se dá *na* linguagem, e não *através* dela. Aqui está a diferença fundamental entre medium [*Medium*] e meio [*Mittel*] na teoria benjaminiana. A consideração da linguagem como um meio de comunicação constitui aquilo que Benjamin criticou como a “concepção burguesa da linguagem: o meio da comunicação é a palavra, seu objeto a coisa, seu remetente um ser-humano” (Ibid.: 34). Em outras palavras, um homem comunica algo a outro homem no momento em que ele nomeia este *algo* através da palavra. A sua crítica assinala, assim, a divisão entre ser espiritual e ser linguístico: “a diferenciação do ser espiritual do ser da linguagem, no qual aquele se comunica, é a diferenciação fundamental da investigação teórico-linguística” (Ibid.: 31). O ser linguístico – cuja categorização recai no signo – é apenas um elemento da linguagem. Benjamin busca ressaltar um outro aspecto não observado pelas teorias linguísticas da sua época, pois, para ele, a linguagem é um medium no qual se comunica seu ser espiritual. Como explica Menninghaus, para Benjamin a comunicação não significa “a troca de conteúdos predicativos fixos, mas um processo não-predicativo de representação e compreensão, para o qual a ‘primária’ semântica das palavras e frases é apenas um – embora indispensável – fundo” (Menninghaus, 1995: 16). E qual a relação destas duas dimensões para o pensador alemão? Como o próprio Benjamin escreveu,

o ser espiritual é idêntico ao linguístico somente no comunicável. O que é comunicável em um ser espiritual é o seu ser linguístico. A linguagem comunica, portanto, o ser linguístico particular das coisas, mas seu ser espiritual [é comunicado] somente se ele se assentar de forma imediata no linguístico (Benjamin, 2010: 32).

E aí está a *magia* da linguagem. É na recusa do medium como meio (*i-mediato*)⁸ que Benjamin instaura o conceito de medium como algo que torna possível que algo *se* comunique. Ele não é um veículo, um canal. Como explica a filósofa alemã Sybille Krämer, “os media instituem o potencial de se comunicar, mas eles não são nenhum meio de comunicação” (Krämer, 2008: 48). E mais adiante, ela complementa de maneira esclarecedora: “O medial é a capacidade de se expressar a si próprio – ou seja, sem a intervenção de um meio externo” (Ibid.). A magia é essa imediaticidade do medium.

“O que a linguagem comunica? Ela comunica a si mesma” (Benjamin, 2010: 32). Com isso, o pensador alemão amplia o entendimento da linguagem/língua para além da sua concepção instrumental ou semiológica, pois para ele a linguagem é “a expressão imediata daquilo que *se* comunica nela” (Ibid.: 31).

8. Em alemão, o adjetivo *unmittelbar* ressalta bem a separação benjaminiana entre medium e meio, pois a palavra negada com o prefixo *un-* é justamente o meio (*Mittel*) e, não, o medium.

Como explica Krämer, comunicar-se e mostrar-se ganham dimensões semelhantes. “As pessoas e as coisas podem expressar algo no momento em que elas manifestam algo de si. Ou seja, o homem não comunica, mas a linguagem sim” (Krämer, 2008: 46). Ou seja, o comunicável é imediato na própria linguagem. “O que se expressa na linguagem não é um comunicado, mas a própria comunicabilidade” (Ibid.: 47).

Tal afirmação pode ser verificada no insólito exemplo dado por Benjamin sobre a linguagem da lâmpada: a lâmpada não seria comunicada pela linguagem da lâmpada, porque o ser espiritual da lâmpada não seria ela própria. A linguagem da lâmpada, por sua vez, comunica “a linguagem-lâmpada, a lâmpada na comunicação, a lâmpada na expressão. Porque, na linguagem, isso se comporta da seguinte forma: o ser linguístico das coisas é a sua linguagem” (Benjamin, 2010: 32).

Neste momento, é introduzida uma nova diferenciação: entre a linguagem das coisas em geral e a linguagem humana. O homem comunica seu ser espiritual quando ele nomeia, pois “o ser linguístico do homem é que ele nomeia coisas” (Ibid.: 33). Mais uma vez, Krämer desdobra bem esta passagem: “Se a lâmpada se expressa e se mostra no momento em que ela ilumina, então o homem se expressa e se mostra quando ele nomeia” (Krämer, 2008: 46).

O nome é tomado como a linguagem da linguagem humana. E como o próprio Benjamin (2010: 35) ressalta, o genitivo aqui não indica a função de meio, mas de medium, pois o homem comunica o ser espiritual na medida em que ele nomeia as coisas. Ou seja, aqui paira a crítica à relação arbitrária entre as palavras e as coisas. “Isso não significa uma mimética entre a linguagem e as coisas, mas se constitui na experiência de um terceiro: em uma relação de expressão” (Menninghaus, 1995: 20). Logo, a palavra deve comunicar algo além dela mesma, pois

comunicar *através* da linguagem torna a linguagem um sistema arbitrário de signos verbais, que é aplicado como instrumento de comunicação. Onde nesses sentidos arbitrários se é comunicado *através* da linguagem, há o falante. Contudo, o “ser-falante” para Benjamin já não é nenhum fato linguístico-filosófico instrutivo (Krämer, 2008: 45).

Mas antes que sejam lançadas acusações metafísicas a essa teoria da comunicação que agora começa a mostrar seus contornos, cabe ressaltar que, para Benjamin, existência e linguagem são como duas faces da mesma moeda. Daí a importância das suas observações sobre a *revelação* – conceito retirado diretamente do contexto teológico – e sua forte vinculação à imanência em detrimento à transcendência das coisas. O conceito de revelação, portanto,

“é antes compreendido como o reflexo sempre desajustado da experiência que manifesta imediatamente (magicamente) no formulado uma força não formulada, no pronunciável um não dito e como declaração predicativa frequentemente um ‘indizível’” (Menninghaus, 1995: 21). Ou seja, a revelação na linguagem acontece na própria linguagem. Mas ela não é comunicada pelos conteúdos verbais. “O mostrar-se de algo inefável é uma qualidade da expressão de todo falar” (Ibid.: 22). Neste momento, além da crítica à instrumentalidade da linguagem, Benjamin condena paradoxalmente a tese de um significado para além da linguagem.

Ademais, a imediaticidade linguística é concebida de maneira dupla: de um lado, extensivamente, entre a linguagem e as coisas; e, por outro, intensivamente, entre o princípio do movimento da linguagem em si e o ser de um falante ou de uma obra. “A conexão destes dois elementos de não-instrumentalidade linguística conduz Benjamin subsequentemente ao conceito de uma ‘magia própria imanente’ dos ‘elementos linguísticos concretos’” (Menninghaus, 1995: 40). Há uma correspondência das esferas do comunicante (nomeante) e do comunicado (nomes) na comunicação. Como escreve o próprio Benjamin:

Através da palavra a humanidade se liga à linguagem das coisas. A palavra humana é o nome das coisas. Com isso não se pode assumir a noção da perspectiva burguesa da linguagem, na qual as palavras se relacionam ocasionalmente com as coisas e que são signos estabelecidos das coisas (ou do seu reconhecimento) através de uma convenção qualquer. A linguagem nunca dá *meros* signos (Benjamin, 2010: 41).

Se a magia é a imediaticidade da comunicação do ser espiritual, sua emergência é provocada pela denominação das coisas: pela *tradução* da linguagem das coisas – uma linguagem silente – na linguagem humana. Mas é bom frisar que a “tradução da linguagem das coisas na dos homens não é a tradução do mudo para o sonoro, ela é a tradução do inominado ao nominado” (Ibid.: 42). Com o conceito de tradução, Benjamin proporciona a visualização do medium em movimento, pois a “força mágica da língua pode ser reconstituída como sua capacidade de tradução” (Krämer 2008: 49). É a partir desta lente, proposta por Krämer (Ibid.), que se apreende aqui a longa incursão de Benjamin nas passagens bíblicas do Gênesis e da Queda do Homem, pois a larga utilização de obras religiosas para a composição da sua teoria dos media não deve ser vista como teológica. Vale ressaltar que a análise dos textos bíblicos foram fundamentais para as teorias linguísticas do período barroco e romântico alemão, das quais Benjamin foi tributário (Menninghaus, 1995: 43). O próprio autor se antecipou a essa possível crítica, ao afirmar que a Bíblia e a filosofia da religião foram tomadas como reflexões sobre a natureza da linguagem: “É um movimento de

reapropriação e ressignificação, como feito em obras de artes e outros textos teóricos. Não como fonte de verdade revelada” (Benjamin, 2010: 38).

A partir do mito da Criação, Benjamin observa que a natureza nasce da palavra e o homem, da terra. Logo, o dom da palavra foi dado àquele não nascido da palavra. Seguindo a interpretação de Benjamin, para Deus a língua era o medium da criação. Para o homem, mero instrumento, um meio do seu conhecimento. O nascimento da palavra humana surge no momento de sua queda, de sua expulsão do paraíso. A Queda do Homem é o nascimento da palavra humana, na qual o nome não vive mais imaculado: “a própria magia imanente sai para expressar como que de fora, para se tornar mágica. A palavra deve comunicar algo (para além de si mesma). Esta é a verdadeira Queda do espírito linguístico” (Ibid.: 44). Como explica Krämer,

Deus cria, na medida em que nomeia; isto é uma forma indisfarçada, “pura” da magia linguística, na qual a linguagem é agida imediatamente porque produtora de realidades. A fatalidade do homem se constitui em ter perdido esta forma de poder linguístico e, com isso, sua criatividade linguística (somente ainda) pode ser praticada como tradução (2008: 52).

Mais adiante, a filósofa dos media arremata: “Quando Deus fala, ele cria; quando o homem fala, ele traduz” (Ibid.: 53).

A tradução, portanto, é a encarnação do conceito de medium. Assim, o medium da formação linguística é concebido como um emaranhado singular entre recepção e criação: “A tradução é a conversão de uma linguagem em outra através de um *continuum* de metamorfoses. São *continua* de metamorfoses, e não zonas de semelhanças e equivalências, que atravessam a tradução” (Benjamin, 2010: 42). Por isso, o medium não transmite, ele traduz ao manifestar. Com a incursão bíblica, Benjamin busca mostrar que a linguagem humana é um híbrido entre medium e instrumento: “a um só tempo, o medium é a linguagem humana do criar e do receber, da imediatividade e da mediaticidade, da expressão e do signo, da magia e da técnica” (Krämer, 2010: 53).

REDOBRAMENTOS

Se até este momento a pregnância ou mesmo a aplicação desta teoria dos media baseada no olhar sobre o medium em detrimento aos *conteúdos verbais* permanece obscura, o próprio Benjamin – como aponta o filósofo Winfried Menninghaus (1995) – fornece exemplos mais concretos que permeiam toda sua obra: suas considerações sobre o *tom*, o *estilo* e a *forma linguística*. Antes mesmo do surgimento da teoria da conotação, o tom apareceu na obra benjaminiana como algo que não se realiza por meio dos conteúdos verbais, mas imediatamente

na própria linguagem (Menninghaus, 1995: 13). Por sua vez, ao contrário dos conteúdos verbais, o estilo “não é nem um formalismo que possa ser subtraído, nem um mero filtro de representação, mas, sim, ele deixa perceptível, acima de tudo, o conteúdo espiritual da época, desenvolvendo em si mesmo, portanto, uma qualidade doadora de sentido” (Ibid.: 13-14). O estilo, portanto, não é um fenômeno psico-individual de um autor, mas a expressão e o elemento instaurador de uma comunicação da produção artística e da experiência histórica. Já a forma linguística aparece no seu estudo da tragédia: uma alegoria que significa alegria (conteúdo verbal) ao mesmo tempo expressa em si o trágico (Ibid.: 14).

Contudo, o espaço deste texto não permite um desenvolvimento maior destas questões. E por conta do longo desdobramento conceitual empreendido no tópico anterior, faz-se necessário uma breve revisão para que os vínculos fiquem bem marcados. Logo, seguindo o argumento de Menninghaus (1995), tem-se como pressupostos básicos da teoria dos media de Walter Benjamin: 1. Cada pessoa, acontecimento ou coisa possui um *ser espiritual*; 2. cada *ser espiritual* se comunica como fisionomia imediata na *expressão*; 3. qualquer expressão pode ser concebida como um tipo de linguagem sem que, com isso, a palavra linguagem se evapore numa metáfora. 4. A linguagem no sentido de expressão não é separável do seu próprio ser espiritual.

A linguagem, portanto, comunica seu ser espiritual correspondente, que se comunica na própria linguagem e não por meio/através dela. A linguagem como algo que comunica a si em si mesma pode ainda ser interpretada como a própria forma linguística como um próprio conteúdo em si, antes mesmo da famosa formulação *medium is the message* de McLuhan. Contudo, tal acepção já tem seu centro na filosofia de Wilhelm von Humboldt (Menninghaus, 1995: 11) – ainda pouco discutida pelas teorias da comunicação.

A partir da relação materialista entre a linguagem e as coisas proposta por Benjamin, pode-se deduzir que o ser espiritual é imanente: estou lançado no mundo das coisas que falam a/em mim. Algo acontece a mim: transcendência só pode vir a partir da materialidade do mundo. A teoria benjaminiana assume ao mesmo tempo a impossibilidade da existência de um fora da linguagem e uma comunhão entre todas as coisas.

O imediato – a magia – é a chave para a diferenciação do conceito de medium do conceito de meio, ou seja, do sentido instrumental da linguagem como uma relação instrumental de um significante com um significado – este repousando como a carga (conteúdo verbal) daquele. Logo, um medium “é o elemento de uma representação, sem contudo ser o meio dela” (Menninghaus, 1995: 17). O medium, portanto, é um conceito que não pode ser apreendido pelas relações instrumentais meios-fins da racionalidade técnica. Por sua vez,

a representação e a percepção mágicas são identificadas na área mais comum e geral da experiência, ou seja, *na linguagem em geral*, na fronteira entre a sensação e sentido: “O correlato direto deste modo formal de existência da magia da linguagem como de uma – transitório entre sensualidade e sentido – aparição, de um surgimento, é um momento de infinitude tanto ‘objetiva’ quanto voltada à teoria da recepção” (Menninghaus, 1995: 18).

No entanto, o que aqui se defende como o ponto de virada engrenado pela teoria benjaminiana para a teoria dos media é a clara separação entre meio e medium. Tal formulação fornece uma base para a constituição de uma teoria não instrumental dos media e inaugura o desenvolvimento de um olhar *medial* sobre o fenômeno da comunicação. Indo mais além, com a crítica empreendida contra as teorias que defendem a arbitrariedade do signo linguístico – pois para Benjamin a palavra não representa uma convenção – provavelmente este gesto teórico, como exposto no próximo tópico, antecipa certa corrente contemporânea teórico-medial que busca novas perspectivas para sustentar a especificidade de uma teoria da comunicação.

DESDOBRAMENTOS

Tal diferenciação entre um olhar voltado para o que é transmitido significativamente e um olhar para o que é traduzido medialmente foi demarcada por Sybille Krämer, em seu livro *Medium, Bote, Übertragung* (Medium, Mensageiro, Transmissão), publicado em 2008.

De acordo com sua proposta, a diferenciação entre medium e signo não deve ser compreendida como duas classes diferentes para tipos de objetos diferentes. Não é como se existissem coisas que apenas pudessem ser tratada como signos e outras, como media. Como a filósofa explica, tratam-se na verdade de duas perspectivas diferentes: “Na perspectiva semiológica, o ‘oculto’ do sentido está atrás do sensual; na perspectiva mediológica, ao contrário, o ‘oculto’ da sensação está atrás do sentido” (Krämer, 2008: 34).

Em outras palavras, o signo deve ser perceptível mas, o que nele é perceptível, é secundário: o significado é que é importante, ou seja, aquilo que é tomado costumeiramente por ausente, invisível, ou até mesmo imaterial. O signo é em geral concebido como algo que está para uma outra coisa, que indica algo além de sua materialidade. O medium, por sua vez, funciona justamente ao contrário: o que nós percebemos é a própria mensagem, que surge no acontecimento medial. O medium é o secundário: ele se neutraliza, se recolhe no seu uso. Ao contrário da relação signica, que atrás do sensório encontra-se o sentido, a perspectiva medial propõe que atrás da mensagem visível se esconde o medium invisível (Cf. Ibid.: 35).

Tal concepção do medium como algo que se esconde no momento da sua manifestação é desenvolvida extensivamente pela obra do filósofo alemão Dieter Mersch (2002, 2006, 2008, 2010), cuja proposta culmina em uma teoria negativa dos media. Para Mersch, os media possuem a capacidade de esconder sua medialidade na medida em que ela ocorre: “Sua presença tem o formato de uma ausência” (Mersch, 2008: 304). A estrutura do medial, portanto, não pode ser mediatizada. Ela se mostra. Apenas a medialidade do meio se põe em evidência. O que é passível de observação não é o medium, mas a sua aparição fenomênica como medialidade, pois o medium é concebido como algo que torna presente alguma coisa visível, mas que não possui fisicalidade, exceto, é claro, a do próprio suporte e que, no momento da experiência, não pode ser tematizado. Daí a sua negatividade. Os media, portanto, são a condição de possibilidade de percepção e diferença. Eles são condições de quaisquer processos de comunicação e de contemplação, na medida em que contemplação e observação tornam-se possíveis pela diferença e pela medialidade.

Por sua vez, a insondabilidade do processo comunicativo devido à imediatividade do medium também repercute no campo comunicacional brasileiro, a partir dos trabalhos mais recentes do teórico Ciro Marcondes Filho (2010b). Mesmo não dialogando diretamente com a teoria mística da linguagem de Benjamin, Marcondes Filho representa a inquietação teórica contemporânea em torno dos conceitos básicos para se pensar a comunicação e constitui, por meio de uma extensa revisão bibliográfica, uma teoria direcionada ao próprio conceito de comunicação, definindo-o a partir dos seus parâmetros existenciais e acontecimentais. Para o autor, a comunicação assinala uma distância – a separação existencial entre dois seres – mas em cuja experiência de limiar essa diferença torna-se transparente (mas não superável). Comunicação é transformação. E apenas nos transformamos em momentos de intensa comunicação: sua teoria se ocupa com a figuração do que ele busca definir como o acontecimento comunicacional, a partir do pensamento heideggeriano e, principalmente, deleuziano.

A intenção deste tópico não é a de afirmar a tributação direta ao pensamento benjaminiano desta corrente filosófico-medial, que principalmente na Alemanha busca compor uma renovada base teórica para o campo comunicacional; mas, sim, procura-se assinalar que a tentativa de se refletir sobre a especificidade do medium e da comunicação com questões diferentes das da linguística ou da sociologia já se encontra em sua forma larvar na obra de Walter Benjamin e, de certa forma, antecede a inquietação contemporânea na busca de bases teórico-epistemológicas para a Comunicação.

Benjamin deu largos passos na experiência da linguagem para rastrear os momentos de intensidade de representação linguística e de percepção. Se a teoria comunicacional no Brasil, fortemente influenciada pelo pensamento do autor, ainda não discute largamente a sua problematização dos conceitos de medium, de medialidade e de comunicação, a suspeita é de que nos textos mais conhecidos do autor estes termos não exercem grande função. Um olhar direcionado desautoriza esta suposição. Se o termo *medium* aparece nestes textos, é de se supor que ele guarda alguma relação com o ensaio de 1916. O problema se dá justamente quando as traduções substituem este termo sem ao menos atentarem para suas sutilezas conceituais. Quando o medium não traduz, a mudez permanece.

UMA QUESTÃO DE TRADUÇÃO

Como afirmado anteriormente, sustenta-se aqui que as traduções não chamaram a atenção para essa diferenciação na obra benjaminiana. Mas não se trata, de forma alguma, de questionar a qualidade dessas traduções. Ao contrário: elas também são responsáveis pela instauração das chamadas teorias da comunicação. O ponto é que elas serviram a outros campos: principalmente às Ciências Sociais e – por que não? – à própria Comunicação Social, cuja formação, como já sinalizada no nome composto, é tributária das primeiras. Daí a dificuldade de serem lançadas perguntas teórico-comunicacionais, o que fez com que a depuração conceitual em torno de termos-chave, como comunicação e medium, fosse esquecida.

Portanto, o foco agora se direciona para a aparição do termo *medium* nos dois textos mais conhecidos do autor: *Pequena história da fotografia* (1931) e *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* (1936). No primeiro, a palavra surge apenas uma vez. No segundo, duas. Em ambos os casos o termo *medium* está estritamente ligado à discussão do conceito de aura – um dos mais importantes nos dois textos. Benjamin raramente usou a palavra *medium* em outros ensaios tão extensivamente quando no *Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana* (Mersch, 2006: 64).

No ensaio *Pequena história da fotografia*, a palavra medium surge no momento do seu comentário sobre a foto de Kafka quando criança:

Dies Bild in seiner uferlosen Trauer ist ein Pedant der frühen Photographie, auf welcher die Menschen noch nicht abgesprengt und gottverloren in die Welt sahen wie hier der Knabe. Es war eine Aura um sie, ein Medium, das ihrem Blick, indem er es durchdringt, die Fülle und die Sicherheit gibt (Benjamin, 1992: 54-55).

Que na versão traduzida por Sérgio Paulo Rouanet, ficou assim:

Em sua tristeza, esse retrato contrasta com as primeiras fotografias, em que os homens ainda não lançavam no mundo, como o jovem Kafka, um olhar desolado e perdido. Havia uma aura em torno deles, um meio que atravessado por seu olhar lhes dava uma sensação de plenitude e segurança (Benjamin, 1987: 98).

A palavra medium foi, portanto, traduzida por meio, perdendo a força do conceito na obra de Benjamin. Vale ressaltar que o seu texto seminal sobre a linguagem não só deu base para todo o desenvolvimento da crítica à racionalidade técnica, quanto o próprio conceito de aura foi derivado da magia como o imediato do medium. A aura é, no caso acima, o próprio medium. Ela é a contrapartida do instrumento. “Aura constitui a medida, o critério e, ao mesmo tempo, o conceito que contrapõe a esfera da reprodutibilidade técnica” (Mersch, 2006: 69).

Isso fica mais evidente no ensaio *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. A sua primeira edição já foi publicada como uma tradução em francês por Pierre Klossowski na *Zeitschrift für Sozialforschung*, em maio de 1936. Essa versão foi criticada pelo próprio Benjamin, numa carta a Horkheimer em 27 de fevereiro daquele ano: “Os primeiros capítulos, que Klossowski tinha traduzido sem me consultar, contêm uma série de incompreensões e deturpações” (Benjamin, 2007: 61).

A primeira tradução brasileira deste ensaio, por Carlos Nelson Coutinho, foi publicada na *Revista Civilização Brasileira* em 1968 (Rio de Janeiro, ano IV, n.º 19/20, maio/agosto) e teve como base a terceira edição alemã revisada por Benjamin e publicada por Theodor Adorno em 1955 na coletânea *Schriften*. Em 1969, José Lino Grünewald publica uma tradução no livro *A Ideia do Cinema*, organizado e traduzido por ele, a partir da primeira versão do ensaio e que, mais tarde, foi editada na Coleção Os Pensadores, da Abril Cultural. Já outra tradução bem conhecida, a de Sérgio Paulo Rouanet, publicada em 1985 na coletânea de ensaios *Magia, Técnica, Arte e Política*, tem como base a segunda versão expandida por Benjamin entre dezembro de 1935 e janeiro de 1936.

As duas ocasiões em que o termo *medium* foi utilizado em *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* encontram-se justamente no início da terceira parte do ensaio, pouco antes da sua clássica definição de aura ser exposta (com grifos nossos): “Die Art und Weise, in die menschliche Sinneswahrnehmung sich organisiert – das Medium, in dem sie erfolgt – ist nicht durch natürlich sondern auch geschichtlich bedingt” (Benjamin, 1992: 14). E pouco depois: “Für die Gegenwart liegen die Bedingungen einer entsprechenden Einsicht günstiger. Und wenn *Veränderungen im Medium der Wahrnehmung*, deren

Zeitgenossen wir sind, sich als Verfall der Aura begreifen lassen, so kann man dessen gesellschaftliche Bedingungen aufzeigen” (Benjamin, 1992: 15). No primeiro trecho, tanto na tradução de Grünewald quanto de Rouanet, *medium* foi novamente traduzido por *meio*. Na última parte, na tradução de Sérgio Paulo Rouanet desta última parte, lê-se: “Em nossos dias, as perspectivas de empreender com êxito semelhante pesquisa são mais favoráveis, e, se fosse possível compreender as transformações contemporâneas da faculdade perceptiva segundo a ótica do declínio da aura, as causas sociais dessas transformações se tornariam inteligíveis” (Benjamin, 1987: 170). Aqui o *medium da percepção* foi vertido para faculdade perceptiva. Já na versão de Grünewald, a expressão foi traduzida como “o meio onde opera a recepção” (Grünewald, 1969: 65).

O que se perde nesse momento são as inferências a partir da mística da linguagem sobre o conceito de aura. A forma com que a percepção sensível humana se organiza é associada ao *medium*. Portanto, ela não é instrumental ou condicionada pelo suporte. Sob esta perspectiva, o ensaio *A Obra de Arte...* pode ser entendido como uma história não apenas do técnico, mas da medialidade. Como ressalta Mersch, “a figura do corte, da montagem são as condições mediais que irrompem nas formas de percepção, que provocam cesuras e deslocamentos” (Mersch, 2006: 69). A medialidade que afeta os modos de experiência foi incrivelmente descrita por Benjamin. Se o *medium* da linguagem incorpora os aspectos inefáveis da própria linguagem, o *medium* da percepção do tempo em que relata Benjamin, portanto, é evidenciado pela queda da aura – mas o que é a aura senão o elemento inefável da percepção da obra de arte? Logo, o artigo é uma descrição de uma nova medialidade – a partir do cinema – e sua relação com a experiência perceptiva. Por contraste, a palavra alemã para “meio”, *Mittel*, está continuamente associada a meio de produção, ao meio como suporte, como instrumento. Por exemplo, no trecho: “O Dadaísmo buscou produzir os efeitos, que hoje o público procura no filme, com os meios/atraves (Mitteln) da pintura (ou da literatura)” (Benjamin, 1992: 37).

Mas as diferenciações entre *medium* e meio e a relação entre os conceitos de aura e medialidade no *A obra de arte...* não podem ser expostas apressadamente: ainda um campo a ser explorado e que extrapola o escopo deste artigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma reflexão teórico-comunicacional sobre uma teoria dos media em Walter Benjamin a partir da divisão conceitual entre *medium* e meio. Este foi o objetivo deste texto. Flexionar as leituras mais recorrentes de sua obra até cometer um ato de reversão. Uma mudança de perspectiva. Um pequeno deslocamento de alguns conceitos engessados que geralmente iluminam os *impactos* das

tecnologias no social e no campo perspectivo para ressaltar uma inquietação contemporânea: a legitimidade de uma teoria dos media e da comunicação. O que se sustenta é que a obra de Benjamin possa ser uma luz para a diferenciação entre campo e disciplina. Base para uma teoria da comunicação: separação de meio e medium. Rompimento com a concepção de medium ligada a um suporte técnico. Singularização de um olhar medial: a observação do que se mostra na linguagem, ao invés do que ocorre *através* dela. Medium como tradução. Retomada dos pressupostos teológicos da comunicação e sua reversão na materialidade das coisas. Desejo imanente de transcendência.

Revisitar autores para lançar questões comunicológicas surge como uma possibilidade programática de pesquisa. Se, como afirmou Muniz Sodré (2012), o campo da comunicação está em apuros não só porque não possui um cânone teórico, como também porque ainda não superou o funcionalismo da *mass communication research*, valeria a pena acrescentar que ele nunca deixará de estar em apuros enquanto não forem lançadas perguntas em nome próprio: a questão não é pensar a comunicação como um campo – já que um campo comporta várias abordagens e teorias – mas, sim, de pensar nas condições de possibilidade de uma disciplina (de teorias, de fato, dos media e da comunicação) que lance perguntas que só poderiam ser colocadas por ela, questões que problematizem os conceitos fundamentais do seu objeto. Por mais que exista um forte movimento de negação do *objeto* da comunicação, justificável pela insistência na autonomia e autenticidade do *campo*, ele deve ser perseguido: caso se queira trabalhar dentro de uma perspectiva teórico-comunicacional, o ponto de partida será sempre o medium e a própria comunicação.

O cânone é feito com leituras e críticas. A própria construção teórico-medial de Benjamin ainda carece delas. Bem como as recentes propostas fundadoras de uma teoria da comunicação. Necessidade de revisão contínua, de reavistamento de originais, de comparação de versões. Para que, nesse fluxo de transformações contínuas, o discurso em torno da falta de referenciais teóricos para o campo comunicacional no Brasil se torne apenas uma questão de tradução. **M**

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W. *Magia e Técnica, Arte e Política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 3ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- _____. *Das Kunstwerk im Zeitalter seiner technischen Reproduzierbarkeit*: drei Studien zur Kunstsoziologie. 22. ed. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1992.
- _____. *Das Kunstwerk im Zeitalter seiner technischen Reproduzierbarkeit*: Kommentar von Detlev Schöttker. 3. ed. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2007.

- BENJAMIN, W. Über Sprache überhaupt und über die Sprache des Menschen. In: TIEDEMANN, R. (Ed.). *Walter Benjamin - Sprache und Geschichte: Philosophische Essays*. Stuttgart: Reclam, 2010, p. 30-49.
- BRAGA, J. L. Nem rara, nem ausente – tentativa. *MATRIZES*, Ano 4, n. 1, p. 65-81, 2010. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v4i1p65-81>
- GRÜNEWALD, J. L. (trad. e org.). *A Ideia do Cinema: Ensaio de Walter Benjamin, Eisenstein, Godard, Merleau-Ponty*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.
- HALLACKER, A. *Es spricht der Mensch: Walter Benjamins Suche nach der Lingua adamica*. München: Fink, 2004.
- KRÄMER, S. *Medium, Bote, Übertragung: kleine Metaphysik der Medialität*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2008.
- MARCONDES FILHO, C. *Princípio da Razão Durante: Nova Teoria da Comunicação III [Tomo I]*. São Paulo: Paulus, 2010a.
- . *Princípio da Razão Durante: Nova Teoria da Comunicação III [Tomo V]*. São Paulo: Paulus, 2010b.
- MCLUHAN, M. *Understanding Media: The Extensions of Man*. [S.l.]: New American Library, 1964.
- MENNINGHAUS, W. *Walter Benjamins Theorie der Sprachmagie*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1995.
- MERSCH, D. *Was sich zeigt. Materialität, Präsenz, Ereignis*. München: Fink, 2002.
- . *Medientheorien zur Einführung*. Hamburg: Junius Verlag, 2006.
- . Tertium datur: Einleitung in eine negative Medientheorie. In: MÜNKER, Stefan & ROESLER, Alexander (orgs.). *Was ist ein Medium?* Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2008, p. 304-321.
- . *Posthermeneutik*. Hamburg: Akademie-Verlag, 2010.
- SODRÉ, M. Comunicação: um campo em apuros teóricos. *MATRIZES*, v. 5, n. 2, p. 11-28, jan./jun. 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v5i2p11-27>

Artigo recebido em 17 de setembro de 2012 e aprovado em 30 de novembro de 2012.